

# O corvo

Edgar Allan Poe

Tradução: Oscar Mendes

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,  
a ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,  
e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,  
tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar.  
“É alguém?” — fiquei a murmurar — “que bate à porta, devagar;  
sim, é só isso e nada mais.”

Ah! claramente eu o relembro! Era o gélido dezembro  
e o fogo, agônico, animava o chão de sombras fantasmais.  
Ansiando ver a noite finda, em vão, a ler, buscava ainda  
Algum remédio à amarga, infinda, atroz saudade de Lenora  
— essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora  
e nome aqui já não tem mais.

A seda rubra da cortina arfava em lúgubre surdina,  
arrepinando-me e evocando ignotos medos sepulcrais.  
De susto, em pávida arritmia, o coração veloz batia  
e a sossegá-lo eu repetia: “É um visitante e pede abrigo.  
Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede abrigo.  
É apenas isso e nada mais.”

Ergui-me após e m, calmo enfim, sem hesitar, falei assim:  
“Perdoai, senhora, ou meu senhor, se há muito aí fora me esperais;  
mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido,  
que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta,  
assim de leve, em hora morta.” Escancarei então a porta:  
— escuridão, e nada mais.

Sondei a noite erma e tranquila, olhei-a fundo, a perquiri-la,  
sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais.  
Estarrecido de ânsia e medo, ante o negro imoto e quedo  
só um nome ouvi (quase em segredo eu o dizia) e foi: “Lenora!”  
E o eco, em voz evocadora, o repetiu também: “Lenora!”  
Depois, silêncio e nada mais.

Com a alma em febre, eu novamente entrei no quarto e, de repente,  
mais forte, o ruído recomeça e repercute nos vitrais.  
“É na janela” — penso então, “ — Por que agitar-me a aflição?  
Conserva a calma, coração! É na janela, onde, agourento,  
o vento sopra. É só do vento esse rumor surdo e agourento.  
É o vento só e nada mais.

Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar, penetra um vulto:  
— é um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras ancestrais.  
Como um fidalgo passa agosto e, sem notar sequer meu susto,  
adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva,  
bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de Minerva,  
empoleirado e nada mais.

Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,  
desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.  
“Sem crista embora, ó Corvo antigo e singular” — então lhe digo —  
“não tens pavor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo,  
qual é teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!”  
E o Corvo disse: — “Nunca mais”.

Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe,  
misteriosa esfinge negra, a retorquir-me em termos tais;  
pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente  
que igual surpresa experimente: a de encontrar em sua porta,  
uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em sua porta  
e que se chama: “Nunca mais”.

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria,  
com a alma inteira a se espelhar naquelas sílabas fatais.  
Murmuro, então, vendo-a serena e sem mover uma só pena,  
enquanto a mágoa me envenena: “Amigos... sempre vão-se embora.  
Como a esperança, ao vir a aurora, ELE também há de ir-se embora”.  
e disse o Corvo: “Nunca mais”.

Vara o silêncio, com tal nexo, essa resposta que , perplexo,  
julgo: “É só isso o que ele diz; duas palavras sempre iguais.  
Soube-as de um dono a quem tortura uma implacável desventura  
e a quem, repleto de amargura, apenas resta um ritomelo  
de seu cantar; do morto anelo, um epitáfio: - o ritomelo  
de “Nunca, nunca, nunca mais”.

Como ainda o Corvo me mudasse em um sorriso a triste face,  
girei então numa poltrona, em frente ao busto, à ave, aos umbrais  
e, mergulhando no coxim, pus-me a inquirir (pois para mim,  
visava a algum secreto fim) que pretendia o antigo Corvo,  
com que intenções, horrendo, torvo, esse ominoso antigo corvo  
grasnava sempre: “Nunca mais”.

Sentindo da ave, incandescente, o olhar queimar-me fixamente,  
eu me abismava, absorto e mudo, em deduções conjeturais.  
Cismava, a fronte reclinada, a descansar, sobre a almofada  
dessa poltrona aveludada em que a luz cai suavemente,  
dessa poltrona em que ELA, ausente, à luz que cia suavemente,  
já não repousa, ah! nunca mais...

O ar pareceu-me então mais denso e perfumado, qual se incenso  
ali descessem a esparzir turibulários celestiais.  
“Miseró!” — exclamo — “Enfim teu Deus te dá, mandando os anjos seus  
esquecimento, lá dos céus, para as saudades de Lenora.  
Sorve o nepentes. Sorve-o, agora! Esquece, olvida essa Lenora!  
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta!” — brado — “Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal  
que o Tentador lançou do abismo, ou que arrojaram temporais,  
de algum naufrágio, a esta maldita e estéril terra, a esta precita  
mansão de horror, que o horror habita, — imploro, dize-mo, em verdade:  
EXISTE um bálsamo em Galaad? Imploro! dize-mo, em verdade!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta!” — exclamo — “Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal!  
Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os mortais.  
fala se esta alma sob o guante atroz da dor, no Éden distante,  
verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora,  
\_ essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais!”

“Seja isso a nossa despedida!” — ergo-me e grito, alma incendiada —  
“volta de novo à tempestade, aos negros antros infernais!  
Nem leve pluma de ti reste aqui, que tal mentira ateste!  
Deixa-me só neste ermo agreste! Alça teu vôo dessa porta!  
Retira a garra que me corta o peito e vai-te dessa porta!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais!”

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a fio,  
sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em meus umbrais.  
No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos dorme,  
e a luz da lâmpada, disforme, atira ao chão a sua sombra.  
Nela, que ondulara sobre a alfombra, está minha alma; e, presa à sombra,  
não há de erguer-se, ai! nunca mais!